

Nabuco

Suzana Guimarães Farias

Neste ano de 2010, Ano Nacional Joaquim Nabuco, no qual se completam cem anos da morte desse ilustre pernambucano, venho fazer uma justa homenagem. Nabuco, se não é, deveria ser figura conhecida por todos os brasileiros. Quando falo assim, não me refiro apenas ao político, diplomata, historiador, jurista, jornalista e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, mas, principalmente, ao Nabuco que se multiplica quando soma a sua força e voz à derrocada de uma sociedade escravocrata, lutando pelo ideal de Liberdade que, na prática, para cada ser humano, não é alcançado em sua plenitude, porque intrínseca à natureza da Liberdade é a sua tangibilidade fugidia, que se esquivava a cada toque; porém, mesmo essa certeza não faz trôpegos e vacilantes os sonhos dos homens, antes os projeta para muito além daqui e dali, para, em fim, perceberem-se desde sempre uno.

O que sedimenta essa unidade a que me referi é o reconhecer-se no outro. E, assim, a palavra - instrumento da ação - cresce, amplia-se, renova-se em diferentes vozes, em distintas épocas nesse embate que não cessa. Mesmo que as âncoras sejam lançadas nas águas, nem sempre serenas, do Destino, o nosso Navio-sonho-liberdade aguardará, pacientemente, o retorno ao mar aberto, levando consigo aquilo que não se dissocia da essência de viver, não se abate diante dos reveses da vida e vibra com pungente força.

Para alguns homens, o conceito de pátria não se engessa nos limites territoriais ou culturais em detrimento de outras realidades, porque veem a si mesmos como cidadãos do mundo, embora, em contrapartida, haja um não-sei-quê de proximidade perene nas suas ações, gestos e palavras. A distância mais curta entre dois corações que pulsam arritmicamente em países distantes não é a linha reta e mutável das concepções jurídicas, mas a linha suave, sinuosa e abrangente da compreensão metalinguística do direito do outro, e esse entendimento consubstancia-se nas palavras de Nabuco: *O verdadeiro patriotismo é o que concilia a pátria com a humanidade.*

Como não mencionar aqui a amizade com o Grande Escritor Machado de Assis? Amizade que se fortaleceu, mesmo na distância e no silêncio, como é típico nos verdadeiros amigos. Numa época em que a correspondência fazia-se por cartas e, além disso, os diversos afazeres absorviam a ambos, todas as facetas que compõem a verdadeira amizade externavam-se na vida desses ilustres brasileiros e cresciam a olhos vistos: compreensão, admiração, respeito, para citar apenas algumas.

A luta contra a escravidão norteia-se pelo Princípio da Dignidade da Pessoa Humana, e essa dignidade humana kantiana, possui um caráter dialético e, de certa forma, paradoxal, porque inerente à existência humana e, concomitantemente, transcendente a essa mesma existência no sentido de independer de um contexto ou de um momento histórico. Para o Leão do Norte, essa luta não foi pontual, pois não se limitou à defesa do escravo Tomás, nem ao término de um período escravocrata; mas abrangente na medida em que continua a tecer uma linha contínua, um fio invisível e ininterrupto que percorre várias épocas, representando uma associação de pensamentos constituídos da mesma essência daquele ideal que, um dia, nasceu no coração de Nabuco: "Não basta acabar com a escravidão. É preciso destruir sua obra."